

# O TRÂNSITO DE IDENTIDADES DA ÁFRICA DO SUL A MOÇAMBIQUE EM *HINYAMBAAN*, DE JOÃO PAULO BORGES COELHO

Ana Beatriz Matte BRAUN\*

COELHO, J. P. B. *Hinyambaan*. Maputo: Editorial Ndjira, 2008.

Moçambique é, como se sabe, um país da costa oriental do continente africano cuja língua oficial é o português, herdado dos colonizadores lusitanos. O país, a chamada “pérola do Índico”, tem um território vasto, que se estende longitudinalmente no sudeste da África. É formado por nove províncias, sendo elas, de sul a norte: Maputo, Gaza, Inhambane, Manica, Sofala, Tete, Zambézia, Nampula e Cabo Delgado. A capital do país, Maputo, encontra-se estrategicamente posicionada próxima à fronteira da África do Sul. Moçambicanos e sul-africanos, vizinhos, partilham muito mais do que o território de um dos mais conhecidos parques nacionais africanos, chamado, do lado sul-africano, de Kruger Park, e, do lado moçambicano, de Parque do Limpopo. Por exemplo, há muito, trabalhadores moçambicanos servem de mão de obra para as milhares de minas sul-africanas.

Pode-se dizer que a África do Sul é o motor econômico da África subsaariana. Apesar da pobreza e dos problemas sociais também assolando sua sociedade, o fato é que os sul-africanos têm, em relação aos vizinhos, muito mais poder econômico. E se hoje, início da segunda década do século XXI, os recursos estão mais bem distribuídos entre os diversos grupos étnicos existentes, há dez ou vinte anos a riqueza concentrava-se muito mais dentre os descendentes de europeus (especialmente ingleses e africânderes).

Assim, cena recorrente na fronteira terrestre entre África do Sul e Moçambique: *bakkies* – assim chamadas pelos sul-africanos as caminhonetes de tração 4x4 – carregadas com todo tipo de equipamento para *trekking*, *camping* e afins, indo em direção à costa moçambicana. Esse tipo de turismo de aventura tem grande apelo entre os sul-africanos brancos e é essencial para injetar recursos nas belíssimas, porém carentes, vilas e cidades costeiras moçambicanas. E é

\* Doutoranda em Letras. UFPR – Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-Graduação em Letras. Curitiba – PR – Brasil. 80060-150 – anabeatrizbraun@yahoo.com.br

sobre esse tema o enredo de *Hinyambaan* – novela burlesca (COELHO, 2008), do moçambicano João Paulo Borges Coelho.

O título da novela, *Hinyambaan*, vem a ser uma possível transcrição, em alfabeto latino, da forma como os sul-africanos pronunciam “Inhambane”, uma das províncias moçambicanas mais procuradas para o turismo pelas lindas praias, mar perfeito para navegação e hospitalidade local. Sendo a novela “*Hinyambaan*” e não “Inhambane”, a questão da perspectiva já se mostra clara para o leitor: a narrativa se fará pelo ponto de vista de uma família de ascendência africânder, os Odendaal: o pai, Hermann, a mãe, Henrietta, os filhos Hendrick e Hannah. Partiram de Johannesburgo em direção à Inhambane, um feriado planejado às pressas por conta da desistência do outro casal que há anos os acompanhava nas viagens de férias: “[...] à última hora Joss du Plessis via-se impedido de partir! Uma revisão de contas na empresa, ou coisa assim, obrigava-o a adiar as suas férias e a afectar seriamente as de pelo menos parte da família Odendaal!” (COELHO, 2008, p.9). De fato, a frustração de Hermann Odendaal é grande, pois ansiava por velejar no barco novo de seu amigo du Plessis, o *Outrageous Adventurer*.

Naturalmente, tratando-se de uma novela burlesca, não é pela falta do barco que a viagem dos Odendaal deixará de ser uma “*outrageous adventure*”: terão de lidar, em inúmeras ocasiões, com a polícia moçambicana, que parece demonstrar certa predileção em abordar carros de turistas. Depois, por uma distração de Henrietta ao olhar o mapa, agravada pela falta de sinalização na estrada, perderão a estrada para Inhambane. Quando novamente se encontravam às voltas com a polícia, conhecem um jovem moçambicano chamado Djika-Djika, que por sorte também ia a Inhambane e poderia mostrar-lhes o caminho. Contudo, mais desvios virão, proporcionados por mais coincidências e acidentes, fazendo que os Odendaal tenham uma experiência bem diferente daquela que tradicionalmente seus conterrâneos têm em território moçambicano.

Sorte, acaso, acidentes, coincidências e o final anedótico e surpreendente. Ou conforme Eikhenbaum (1971, p.162): “[...] constrói-se a novela sobre a base de uma contradição, de uma falta de coincidência, de um êrro, de um contraste, etc. [...] Tudo na novela, assim como na anedota, tende para a conclusão.” De fato, *Hinyambaan* constrói-se toda com base no desencontro entre os Odendaal e os du Plessis, culminando em uma coincidência imprevista no final: o desencontro torna-se, por fim, um inesperado reencontro. Esse não é, contudo, o único encontro da narrativa. Há o reencontro de Hermann e Henrietta, cujo relacionamento perdeu-se em meio à rotina do casamento. E ainda, há o encontro de duas culturas, vizinhas, que, apesar de geograficamente tão perto, se desconhecem. O conhecimento entre elas só é possível por conta dos inúmeros acidentes e desencontros da viagem; é graças ao burlesco que o contato entre os que se julgavam tão diferentes pode acontecer.

É importante observar que o conceito de deslocamento, de trânsito, é chave na obra de João Paulo Borges Coelho. Além de *Hinyambaan*, romances como *As visitas do Dr Valdez*, de 2004, *O olho de Herzog*, de 2010, ou ainda alguns dos contos de *Índicos Índicios*, de 2005, devem ser lidos sob a óptica do trânsito como transformador das identidades. A propósito da questão, João Paulo Borges Coelho (2010) afirma:

A noção de identidade como um todo fechado (monopolar ou bipolar), qualquer que ele seja, é pré-moderna, transforma-nos em vítimas de um destino, retira-nos a condição de agentes. Retira-nos, com isso, a inteligência, uma vez que vai contra a possibilidade de nos transformarmos e evoluirmos. Toda a gente veio de algum lugar e, depois desse acidente, fez historicamente um percurso, cruzou-se, transformou-se.

Se a identidade é fluída, móvel, passível de transformação, como descobrem os Odendaal, a alteridade também é assim. Por meio desse narrador que vê o moçambicano pelo olhar do chamado “*boer*”, pelo ponto de vista do não moçambicano, exploram-se e questionam-se os estereótipos acerca do país e do povo. Uma desconstrução de mão dupla, assim como também é de mão dupla a N4, uma das rodovias que ligam a África do Sul a Moçambique.

## Referências

COELHO, J. P. B. Entrevista a João Paulo Borges Coelho. [17 set. 2010]. Entrevistadora: Carmen Lucia Tindó Secco. **Revista Buala**, 17 set. 2010. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/entrevista-a-joao-paulo-borges-coelho>>. Acesso em: 9 nov. 2011.

EIKHENBAUM, B. Sobre a teoria da prosa. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da literatura**: formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1971. p.157-168.

Recebido em: 30/01/2012

Aceito em: 18/12/2012